

## CAPÍTULO 4

# EXPRESSÃO QUANTITATIVA DA HISTORIOGRAFIA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO MARANHÃO (1988-2018): TEÓRICOS DE REFERÊNCIAS - INDICATIVOS FILOSÓFICO-CIENTÍFICOS E ONTOLÓGICOS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.661112526024>

*Data de aceite: 11/03/2025*

**José Ribamar Lima Silva**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão/IFMA

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2022); Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2007); Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (1999), em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2011) e Bacharel em Direito pela Faculdade Florence.

Pesquisador e Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Pinheiro, atuando na Educação Superior e Ensino Médio Integrado ao Técnico.

Pinheiro-Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/2888180287763592>

**RESUMO:** O presente estudo investiga, através da expressão quantitativa da produção historiográfica da História da Educação no Maranhão, a presença e a relevância dos teóricos de referência utilizados na elaboração do conhecimento Histórico educacional. A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como os paradigmas teórico-metodológicos

estruturam o campo em suas fundamentações filosófico-científicas e vinculações ontológicas. O problema central é identificar quais são os autores mais citados e quais concepções epistemológicas e gnosiológicas embasam essa produção. A tese da qual se partilha neste estudo é de que os intelectuais de referências recorridos para respaldar a fundamentação da produção reservam um grande potencial atestatório do funcionamento do campo de conhecimento, que oscila entre os paradigmas hermenêutico e materialista histórico-dialético (MHD). A hipótese principal é que a predominância hermenêutica na produção tutelada resulta na marginalização de abordagens dialéticas. O estudo adota o MHD como método de abordagem e utiliza uma metodologia quanti-qualitativa. A análise dos 107 trabalhos examinados revela que Roger Chartier, Pierre Bourdieu e Michel Foucault são os mais citados, consolidando a influência hermenêutica. Os resultados mostram que a produção tutelada privilegia o hermenêutico, enquanto a não-tutelada apresenta maior diversidade, incluindo referências ao MHD. Conclui-se que a História da educação no Maranhão reflete uma disputa epistemológica e ontológica,

influenciada por interesses teóricos e pela estruturação acadêmica do campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** expressão quantitativa; historiografia; história da educação; Maranhão; teóricos de referências.

## QUANTITATIVE EXPRESSION OF THE HISTORIOGRAPHY OF THE HISTORY OF EDUCATION IN MARANHÃO (1988-2018): THEORETICAL REFERENCES - PHILOSOPHICAL-SCIENTIFIC AND ONTOLOGICAL INDICATIVES

**ABSTRACT:** This study investigates, through the quantitative expression of the historiographical production of the History of Education in Maranhão, the presence and relevance of the reference theorists used in the elaboration of educational history knowledge. The research is justified by the need to understand how the theoretical-methodological paradigms structure the field in its philosophical-scientific foundations and ontological connections. The central problem is to identify which authors are most cited and which epistemological and gnosiological conceptions support this production. The thesis shared in this study is that the intellectual references used to support the foundation of the production reserve a great potential to attest to the functioning of the field of knowledge, which oscillates between the hermeneutic and historical-dialectical materialist (MHD) paradigms. The main hypothesis is that the hermeneutic predominance in the supervised production results in the marginalization of dialectical approaches. The study adopts MHD as an approach method and uses a quantitative-qualitative methodology. The analysis of the 107 works examined reveals that Roger Chartier, Pierre Bourdieu and Michel Foucault are the most cited, consolidating the hermeneutic influence. The results show that the supervised production privileges the hermeneutic, while the non-supervised production presents greater diversity, including references to the MHD. It is concluded that the History of Education in Maranhão reflects an epistemological and ontological dispute, influenced by theoretical interests and the academic structuring of the field.

**KEYWORDS:** quantitative expression; historiography; history of education; Maranhão; reference theorists.

### 1 | INTRODUÇÃO

A expressão quantitativa da Historiografia da História<sup>1</sup> da Educação no Maranhão (HHEM) (1988 – 2018) se constitui como propedêutica à análise qualitativa, colocando-se a primeira como condição para realização desta última, dado que o exame historiográfico, enquanto apropriação do conjunto da produção, é um inventário das análises desenvolvidas sobre os fenômenos, acontecimentos e fatos educacionais do ponto de vista da História Científica (HC) em um tempo e espaço determinados. Nessa perspectiva, vale “[...] ressaltar que os métodos quantitativos para pesquisa social incluem uma série de técnicas

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, distingue-se a *história* (com *h* minúsculo) como sendo os próprios fatos e/ou acontecimentos, da *História* (com *H* maiúsculo) como conhecimento dos fatos/acontecimentos, seguindo a proposição a seguir: “Em nossa língua buscou-se contornar a ambiguidade grafando a *história rerum gestarum* com *H* maiúsculo e a *história res gestae* com o *h* minúsculo. Evidentemente que tal procedimento não é suficiente para diferenciar o fato histórico da ciência que o estuda, mas a discussão possibilita que se pense que o termo designa duas faces de uma mesma e única moeda, mas permanecendo a ambiguidade etimológica da palavra” (Lombardi, 2004, p. 2).

de pesquisa que têm como principal finalidade a medição de quantidades e quantificação de qualidades. [...]” (Cervi, 2017, p. 10).

Enquanto totalidade particular o Maranhão dialoga, necessariamente, com totalidades mais abarcantes (Brasil). No contexto nacional, na primeira metade da década 1980, é identificado um Julgamento de Confluência Tríplice (JCT)<sup>2</sup>, encabeçado pelo Inep, GT-HE/ANPED e sistematizado na forma de artigo pela professora/pesquisadora Mirian Warde, direcionado à Historiografia da História da Educação brasileira (HHEb), cujo teor, foca na inatualidade dos métodos de pesquisa em escalada no campo. Métodos de pesquisa trazem concernentes a sua constituição um núcleo norteador de elaboração do conhecimento, composto de epistemologia (s) e gnosilogia, bidimensionalidade que sustenta o tipo de conhecimento produzido sempre em relação a uma ontologia.

Na pesquisa que deu origem a este artigo - tese de doutorado<sup>3</sup> - intitulada: *História da Educação no Maranhão (1988-2018): configuração do debate epistemológico e vínculos ontológicos*, foram definidos como amostra da produção sete construtos constitutivos das pesquisas -  *períodos investigados, espaços geográficos examinados, eixos temáticos investigados, natureza das fontes, principais tipos de fontes utilizadas, teóricos de referências e epistemologias históricas* - que se comunicam na construção do conhecimento, contribuindo para a conformação do funcionamento do campo e expõem uma relação de externalização com a sociedade, mas, nesta investigação, destacam-se os *Teóricos de Referências*.

A abordagem quantitativa através do arrolamento dos construtos das pesquisas e, consequentemente, do campo de conhecimento, permitiu interpelar de forma exaustiva a materialidade catalogada, explanando através das inclinações numéricas os fundamentos indicativos da sua acomodação. A tese da qual se partilha neste estudo é de que os intelectuais de referências recorridos para respaldar a fundamentação da produção reservam um grande potencial atestatório do funcionamento do campo de conhecimento, que é o fim último deste trabalho. A hipótese principal é que a predominância hermenêutica na produção tutelada resulta na marginalização de abordagens dialéticas.

Este artigo tem como objetivo demonstrar a expressão quantitativa dos *Teóricos de Referências*, no que concerne aos indicativos filosófico-científicos e ontológicos que embasam o campo da HEM, delineando-o através dos métodos de pesquisa, que por sua vez, trazem, em sua compleição, uma ou mais epistemologias e uma gnosilogia vinculadas a uma concepção ontológica, que está compreendida como o ser da realidade social.

Firma-se, nesta investigação, o entendimento da vinculação ontológica do método pela absoluta impossibilidade de teorias epistemológicas ou gnosiológicas se efetivarem

2 Ver artigo: SILVA, J. R. Lima. A atualidade do materialismo histórico-dialético como método para pesquisa em História da educação: breves comentários gnosiológico, epistemológico e ontológico. In.: *Ciências Humanas e Sociais: Perspectivas Interdisciplinares*. V. 4. Organização: Anderson Lincoln Vital da Silva – Belo Horizonte – MG: Editora Poisson, 2024.

3 SILVA, José Ribamar Lima. Tese de Doutorado: História da Educação no Maranhão (1988 - 2018): configuração do debate epistemológico e vínculo ontológico. Campinas, SP: [s.n.], 2022.

autônomas em relação à realidade social. Epistemologia se apresenta como uma teoria científica de compreensão da realidade social. Gnosiologia discute a relação sujeito e objeto presente na produção do conhecimento.

Metodologicamente, a pesquisa valeu-se de uma abordagem quanti-qualitativa organizada a partir de uma amostra cujo levantamento identificou 107 trabalhos sobre a HEM, reunidos no conjunto da produção total. Esta foi subdividida em produções tutelada (46 trabalhos) e não-tutelada (61 trabalhos). Tutelada, foi assim identificada, pelo amparo do orientador e por se desenvolver em um espaço de excelência de elaboração de conhecimento na área: os programas de pós-graduação. A não-tutelada, resultou dos trabalhos que emergem sem a presença do orientador e externamente aos programas de pós-graduação. Assim, busca-se responder, fundamentalmente, dois questionamentos: quais os teóricos de referências mais presentes na produção historiográfica da HEM? Quais os indicativos filosófico-científicos e ontológicos decorrentes de suas presenças na formação do campo?

O arrolamento sobre a presença dos teóricos mais referenciados procedeu à inclusão daqueles cuja manifestação na mesma pesquisa se deu a partir de dois títulos, estabelecendo, nesse limite, o ponto de abrangência das incidências, o que significou, na prática, que quem surgiu apenas uma vez por pesquisa ficou fora do inventário. O critério de busca valeu-se das referências das pesquisas, e o de inclusão considerou a presença de teóricos com mais de um título na mesma pesquisa, relacionados segundo a ordem decrescente de aparições, independentemente da quantidade de títulos, a inclusão por teórico deu-se apenas uma vez por trabalho catalogado.

Enquanto método de abordagem do objeto, adotou-se o Materialismo Histórico-Dialético (MHD), por se compreender que melhor traduz a ontologia do ser da sociedade capitalista. A reflexão marxiana-engelsiana figura a sociedade como a mais ampla das totalidades, nada existindo fora do seu universo e, somente no seu interior, as totalidades particulares podem se manifestar sem negar a sua natureza geral, no que se processam as sucessivas totalidades em direção “[...] a totalidades cada vez mais inclusivas [...]” (Bottomore, 2010, p. 168).

A produção observada a partir da singularidade *Teóricos de Referências* e elevada a uma totalidade particular (Maranhão), como campo de conhecimento, revelou os interesses teóricos presentes na formação do campo. Desta maneira, foi possível realizar a síntese quantitativa da produção de conhecimento indicando a “medição de quantidades e quantificação de qualidades” (Cervi, 2017, p. 10) distinguindo os indicativos filosófico-científicos que fundamentam os métodos de pesquisa e as vinculações ontológicas.

## 2 | EXPRESSÃO QUANTITATIVA DA HHEM: TEÓRICOS DE REFERÊNCIAS

A História da educação (HE) ancora os debates de seus fundamentos teóricos e metodológicos na HC, enquanto a historiografia, como síntese analítica da produção Histórica, focaliza no conjunto produtivo englobante dessas análises, ao longo de um período e espaço determinados, de tal modo que as apreciações direcionadas à primeira também se aplicam à última. O recorte temporal de 1988 a 2018 teve como finalidade abranger desde a gênese do campo histórico-educacional e todo o seu desenvolvimento, inserindo, o conjunto dessas apreciações, no debate em curso nacionalmente a partir dos interesses do estado do Maranhão de participar de um contexto dialógico de amplo alcance, que colabore com a autonomia e consolidação filosófico-científica e ontológica no campo.

O peso das inclinações numéricas esboçadas na relação singular-particular evidenciou a forte ou fraca intensidade das aparições no campo, apontando, diretamente, para os interesses que o movimentaram, demonstrando a configuração das interpretações e explicações da realidade educacional do ponto de vista da HC, portanto, efetiva-se como realização anterior à análise qualitativa<sup>4</sup>.

Por que é importante questionar os interesses que os agentes podem ter em fazer o que fazem? [...], a noção de interesse primeiro colocou-se para mim como um instrumento de ruptura com uma visão encantada, e mistificadora, das condutas humanas. [...] (Bourdieu, 1996, p. 137).

Partindo do princípio de que a metodologia quantitativa de pesquisa requer para o seu uso, a presença do tratamento matemático dos dados como possibilidade classificatória do fenômeno observado, o construto *Teóricos de Referências* foi representado através de tabelas e expresso por meio de percentagens delineadas entre as manifestações absoluta e relativa da produção.

A totalidade social na teoria marxista é um complexo geral estruturado e historicamente determinado. Existe nas e através das mediações e transições múltiplas pelas quais suas partes específicas ou complexas – isto é, as “totalidades parciais” – estão relacionadas entre si, numa série de inter-relações e determinações recíprocas que variam constantemente e se modificam. [...] (Bottomore, 2010, p.596)

Sistematicamente, pode-se organizar esse debate entendendo que o campo de pesquisa, enquanto expressão de interesses teóricos, é um espaço que revela a natureza das pesquisas e regula os contornos e probabilidades de um saber ou disciplina acadêmica, cuja movimentação é marcada pela totalidade como “[...] conjunto da realidade que, no seu desenvolvimento, demonstra-se como necessidade [...]” (Lenin, 2011, p. 144). Diferentemente de Bourdieu, que defende uma relativa autonomia do campo em relação à

4 Sobre a relação quali-quantitativa na pesquisa educacional de base Materialista Histórico Dialética consultar: FER-RARO, Alceu Ravanello. Quantidade e qualidade na pesquisa em educação, na perspectiva da dialética marxista. **Pró-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 129-146, jan./abr. 2012; GATTI, Bernardete A. Abordagens quantitativas e a pesquisa educacional. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004

sociedade, acata-se aqui o entendimento de que este se encontra umbilicalmente ligado à formação social.

A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada (Bourdieu, 2004, p. 20).

É preciso deduzir as categorias (e não tomá-las arbitrária ou mecanicamente) (não ‘expor’, não “afirmar”, mas demonstrar), partindo das mais fundamentais (ser, nada, devir) (para não mencionar outras) - aqui, ‘neste germe, está todo o seu desenvolvimento’ (Lenin, 2011, p. 103).

Conhecer os teóricos mais mencionados no campo serviu para dar maior explicitação à tessitura da conformação do debate de produção do conhecimento, dado informar abertamente a quais fundamentos teóricos do fazer pesquisa as/os autoras (es) do campo maranhense associaram as investigações da realidade educacional, revelado diretamente pelas teorias de fundamentações delineadas nos arcabouços categorial-conceituais, utilizados para mediar às análises histórico-educacionais. A seguir, as Tabelas 1, 2 e 3, demonstram as inclinações quantitativas dos *Teóricos de Referências* de forma decrescente, estabelecendo relação entre o relativo e o absoluto da amostra.

ORDEM DECRESCENTE	TEÓRICOS REFERENCIADOS	INCIDÊNCIA DOS TEÓRICOS REFERENCIADOS	%
1º	Roger Chartier	56	20,36
2º	César Augusto Castro	44	16,00
3º	Pierre Bourdieu	38	13,81
4º	Diomar das G. Motta	27	9,82
5º	Michel Foucault	26	9,45
6º	Demerval Saviani	21	7,64
7º	Michel de Certeau	19	6,90
8º	Achilles Lisboa	13	4,72
9º	Mário Meirelles	11	4,00
10º	José D'Assunção Barros	10	3,65
10º	Lúcia Bastos Pereira das Neves	10	3,65
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>275</b>	<b>100,00</b>

Tabela 1 - Teóricos de Referência – Produção Total

Fonte: Dissertações oriundas dos diversos programas de Pós-Graduação/ livros; capítulos de livros; artigos/ensaios científicos

ORDEM DECRESCENTE	TEÓRICOS REFERENCIADOS	INCIDÊNCIA DOS TEÓRICOS REFERENCIADOS	%
1º	Pierre Bourdieu	32	14,48
2º	César Castro	29	13,12
3º	Roger Chartier	25	11,31
4º	Diomar das Graças Motta	17	7,70
5º	Michel Foucault	15	6,79
6º	Michel De Certeau	13	5,88
6º	Achilles Lisboa	13	5,88
7º	José D'Assunção Barros	10	4,53
7	Lúcia Bastos Pereira das Neves	10	4,53
8º	Dermeval Saviani	10	4,53
8º	Elizabeth Sousa Abrantes	09	4,07
9º	Mathias Rohrig Assunção	07	3,17
9º	Marcelo Cheche Galves	07	3,17
10º	Mário Meirelles	06	2,71
10º	Carlos Fico	06	2,71
10º	Norbert Elias	06	2,71
10º	Diana Vidal	06	2,71
TOTAL	17	221	100,00

Tabela 2 - Teóricos de Referência - Produção Tutelada

Fonte: Dissertações oriundas dos diversos programas de Pós-Graduação

ORDEM DECRESCENTE	TEÓRICOS REFERENCIADOS	INCIDÊNCIA DOS TEÓRICOS REFERENCIADOS	%
1º	Roger Chartier	31	17,71
2º	César Castro	15	8,57
3º	Michel Foucault	11	6,29
3º	Dermeval Saviani	11	6,29
4º	Diomar Motta	10	5,71
5º	Samuel Castellanos	07	4,00
6º	Michel De Certeau	06	3,43
6º	Gramsci	06	3,43
6º	Bourdieu	06	3,43
7º	Marx	05	2,86
7º	Mário Meirelles	05	2,86
7º	Denice Catani	05	2,86
7º	Marileia dos Santos Cruz	05	2,86
7º	Antônio Lobo	05	2,86
8º	Lilian Saldanha	04	2,28
8º	Iran de Maria Leitão Nunes	04	2,28

8º	Faria Filho	04	2,28
8º	Paulo Freire	04	2,28
8º	Gondra	04	2,28
8º	Mary Ferreira	04	2,28
8º	Jean-Yves Mollier	04	2,28
8º	Magda Soares	04	2,28
9º	Regina Zilberman	03	1,72
9º	Joan Scott	03	1,72
9º	Márcia Abreu	03	1,72
9º	C. Dubar	03	1,72
9º	Maria de Fátima F. Rosar	03	1,72
TOTAL	27	175	100,00

Tabela 3 - Teóricos de Referências – Produção Não-Tutelada

Fonte: Livros; capítulos de livros; artigos/ensaios científicos

No conjunto dos teóricos de referências, apareceram 11 como os mais recorridos no campo maranhense, assumindo as dez posições de maiores incidências, evidenciando-se Roger Chartier, com 56, relativas a 20,36%, seguido de César Castro, com 44 equivalentes a 16,00%; em terceiro, Pierre Bourdieu, com 38, atinentes a 13,81%; em quarto, Diomar Motta, com 27, concernentes a 9,81%; em quinto, Michel Foucault, com 26, alcançando 9,45%; em sexto, Demerval Saviani, com 21, obtendo 7,63%; em sétimo, Michel de Certeau, com 19, conseguindo 6,90%; em oitavo, Achilles Lisboa, com 13 respectivos 4,72%; em nono, Mário Meirelles com 11 equivalentes a 4,00%; finalmente, em décimo, José D'Assunção Barros e Lúcia Neves, com 10 cada um, correspondendo a 7,30%.

No bloco de produção tutelada, sobressaíram-se 17 teóricos, assumindo as dez primeiras posições de incidências como os mais recorridos pelos autores locais para contribuírem com a produção do conhecimento histórico educacional. Destes, foram destacados os 5 mais referenciados, assumindo a primeira posição Pierre Bourdieu, com 32, indicativos de 14,48%; em segundo, César Castro, com 29, relativos a 13,12%; em terceiro, Roger Chartier, com 25, referentes a 11,31%; em quarto, Diomar Motta, com 17, equivalentes a 7,70%; em quinto, Michel Foucault, com 15, correspondendo a 6,78%. Esses teóricos reunidos abarcaram 53,39%. Em contrapartida, os demais teóricos que figuraram neste bloco num total de 12 representaram 46,57%.

No que tange à produção não-tutelada, predominaram 27 teóricos, assumindo as nove primeiras posições. Dentre esses, os 5 mais referenciados foram Roger Chartier, com 31, relativos a 17,71%; em segundo, César Castro, com 15, concernentes a 8,57%; em terceiro, Michel Foucault e Dermeval Saviani, com 11 cada um, referentes a 12,56%; em quarto, Diomar Motta, com 10, equivalentes a 5,71%, em quinto, Samuel Castellanos, com

7 alusivos à 4%. Esses teóricos reunidos abarcaram 48,55%. Em contraposição, os demais 22 teóricos são remissivos a 51,43%.

Destacados numericamente no conjunto, os teóricos mais referenciados por origem de suas reflexões em local, nacional e internacional, advieram, respectivamente, 4, 2 e 4. Referente à produção tutelada, emergiram 6 locais, 6 nacionais e 4 internacionais. Alusivo à não-tutelada, surgiram do internacional 8, local, 9, e nacional, 10. Relacionadas as incidências dos teóricos mais referenciados e suas circularidades pelos blocos de produções tutelada e não-tutelada, 8 compareceram, simultaneamente, nos dois blocos, distribuídos em 4 internacionais, 3 locais, e 1 nacional.

As diversas formas de relações de observações estabelecidas entre os teóricos mais referenciados apontaram com clareza um movimento circular dos teóricos locais e internacionais, indicando uma forte concentração em suas recorrências, sendo os representantes locais César Castro e Diomar Motta e internacionais, Roger Chartier, Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Ao mesmo tempo, manifestou-se uma menor participação dos autores de circulação nacional.

Aspecto significativo desse processo de construção do fazer historiográfico recaiu na presença dos teóricos locais que reverberaram na pesquisa, evidenciando que, internamente ao campo maranhense, existe um diálogo estabelecido no seio de um paradigma determinado de pesquisa: hermenêutico. A forte presença dos teóricos internacionais na pesquisa local e o fato de eles não desenvolverem suas reflexões no âmbito da História da Educação, corroborou uma cobrança presente no campo nacional, qual seja, à necessidade de dialogar com as novas epistemologias, no que De Certeau apareceu como legítimo representante entre os mais referenciados, tanto na produção total, como nos blocos em separados.

Relacionados os teóricos mais referenciados com os paradigmas teórico-metodológicos de pesquisa, identificados no campo local e situados como rivais no nacional - MHD e Hermenêutico - resultou como compreensão desse contexto que, na produção total, dos 11 que apareceram como mais referenciados, 6 encontram-se, abertamente associados ao hermenêutico e 1 ao MHD. Examinada a produção tutelada, dos 17 autores mais referenciados, 9 expuseram-se, confessadamente, tributários do hermenêutico, e 1 do MHD. Ressaltada a não-tutelada dos 27 que germinaram, 12, declaradamente, sujeitaram-se ao hermenêutico, e 5 ao MHD.

## **2.1 Medições quantitativas e quantificação das qualidades: implicações filosófico-científicas e ontológicas**

Reitera-se a importância da medição das quantidades da produção historiográfica como preambular à compreensão qualitativa de amplo alcance, principalmente pela ausência, na singularidade das pesquisas, da explicitação dos fundamentos teóricos de

produção do conhecimento e dos vínculos ontológicos aos quais a concepção de verdade se encontra atrelada. Como assinala Marx, é na prática social que o homem demonstra a verdade de suas descobertas teóricas:

A questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva [gegenständliche Wahrheit] não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. É na prática que o homem tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza interior [Diesseitigkeit] de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade do pensamento – que é isolado da prática – é uma questão puramente escolástica (Marx, 2007, p. 533).

O falseamento gerado pela abordagem gnosiológica também resulta do fato de que ela escamoteia o fato de que todo tratamento de qualquer fenômeno social e, por conseguinte, também da problemática do conhecimento, tem como pressuposto uma determinada ontologia, isto é, uma concepção prévia do que seja a realidade. Vale dizer, o ponto de vista gnosiológica também tem, como pressuposto, uma determinada ontologia. O que acontece é que ou isto está apenas implícito ou é explicitamente negado (Tonet, 2013, p. 12)

De acordo com Diomar Motta (2009), a HEM começou sua sistematização a partir de 1988, com a implantação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Sua criação ocorre em um momento da História da Educação brasileira (HEb) em que a historiografia vivencia um JCT, que expressa a inatualidade das análises a partir dos métodos de pesquisas em destaque - MHD e Positivismo - e a necessidade de conduzir a prática historiográfica da HEb para os novos olhares epistemológicos e, nesse sentido, o campo maranhense é tributário do debate nacional no tocante a presença dos dois paradigmas influentes em disputa no campo de produção de conhecimento (Silva, 2024).

Apesar de o campo enunciar quatro métodos Históricos de investigação, concretamente na operacionalização das pesquisas dois são os manifestos, dado que os paradigmas social e das ideias recorrem aos mesmos *teóricos de referências* das pesquisas desenvolvidas com base na Nova História/História Cultural/ Nova História Cultural.

Desde a gênese, e por todo o desenvolvimento, constatou-se que a produção tutelada foi escoltada pelo modelo hermenêutico em adesão ao JCT, inspirado no esquema analítico herdado da terceira geração dos Annales. A defesa do método hermenêutico não constituiu, contudo, um impedimento para o aparecimento da epistemologia dialética que, mesmo não penetrando a produção historiográfica pelo *lócus* de excelência dessa produção, os programas de pós-graduação, conseguiu fazê-lo tangenciando este espaço por meio da produção não tutelada e conferiu maior legitimidade ao campo. –

## A) MÉTODOS DE PESQUISAS

O atrelamento dos *Teóricos de Referências* presentes no campo às tradições de pesquisas filosóficas (e científicas, acréscimo nosso!) realizadas no Brasil, apontadas por Severino (1999), indicam que a Historiografia da História da Educação no Maranhão

(HHEM) valeu-se, efetivamente, de dois paradigmas: hermenêutico e MHD. Ao abrigo do hermenêutico, declaradamente, emergiram as seguintes epistemologias: Nova História/ História Cultural/ Nova História Cultural<sup>5</sup>; História do Tempo Presente; História das Mentalidades; História de Vida; História do Cotidiano. Referente a presença do MHD, emergiu somente a dialética originária de Marx e Engels.

O campo de produção do conhecimento movimenta-se a partir de distintos métodos formando uma unidade de contrários e traz concernente a sua compleição um núcleo norteador da produção, aqui identificado como gnosiologia e epistemologia e essas são questões filosófico-científicas centrais para compreender o debate configuracional do campo.

Da subdivisão dos teóricos de referências em modelos de pesquisas históricas distintos, foi possível avançar em direção às expressões gnosiológicas, questão central da teoria do conhecimento, que gira em torno das clássicas problematizações a seguir formuladas: quem é o sujeito do conhecimento? O que é objeto do conhecimento? O que é o conhecimento como produto do processo cognitivo? (Schaff, 1983).

O JCT aponta a necessidade de uma renovação historiográfica. Praticar a História da Educação passou a ser uma menção ao microcosmo das relações escolares, colocando-se contrário à abordagem político-econômica, pautada na totalidade social, amplamente enfatizada no processo de construção Histórica de teor materialista histórico-dialético, no horizonte do julgamento, apontado como ultrapassado.

O novo paradigma identificado como hermenêutico colocou a necessidade prioritária de posicionar as análises dos processos histórico-educativos com os sentimentos, os desejos, os prazeres, os comportamentos, os signos e os símbolos (Louro, 1990), categorias identificadas com as filosofias fenomenologia, culturalismo, existencialismo, antipositivismo e arqueogenealogia (Severino, 1999), associadas à matriz hermenêutica de pesquisa.

Com a formação do campo colocando a presença predominante de dois paradigmas distintos, a HHEM assume duas formas gnosiológicas: “ativista e idealista” e, com base no “princípio da interação sujeito-objeto” (Schaff, 1983), acentuando diferentes posições para o sujeito e o objeto no processo do conhecimento. Tem-se, portanto, que o corte analítico que se iniciou pela separação dos *teóricos de referências* por epistemologias da História na construção do conhecimento subsidiado por bases filosófico-científicas e sociais antagônicas, acentuou-se com a presença de diferentes gnosiologias.

Ao estabelecer cortes nos modos de relações entre o sujeito e o objeto do conhecimento, a categoria gnosiologia, de acordo com Schaff (1983), reservadas as especificidades terminológicas, ocorre como uma tríade que emerge em “[...] todas as análises do processo do conhecimento [...]: o sujeito que conhece, o objeto do conhecimento e o conhecimento como produto do processo cognitivo” (Schaff, 1983, p. 72). De acordo com

---

5 Nova História/História Cultural/ Nova História Cultural emergem associadas, exatamente, em razão dos teóricos de referências se manifestarem os mesmos, não fazendo distinções por teóricos quanto construção da fundamentação.

o autor, abstraindo-se o aspecto psicológico, esses elementos constituem a “problemática gnosiológica” (Schaff, 1983, p. 72) da teoria do conhecimento que se desdobra em três modelos fundamentais.

O nosso primeiro modelo subentende a construção mecanicista do reflexo. Seguindo esta concepção, o objeto do conhecimento atua sobre o aparelho perceptivo do sujeito que é agente passivo, contemplativo e receptivo; o produto desse processo - o conhecimento – é o reflexo, a cópia do objeto, reflexo cuja gênese está em relação com a ação mecânica do objeto sobre o sujeito. É por isso que qualificamos esse modelo de mecanicista (Schaff, 1983, p. 73).

[...] no segundo modelo idealista e ativista: a predominância, se não a exclusividade, volta ao sujeito que conhece, que percebe o objeto do conhecimento como sua produção. Este modelo concretizou-se em diversas filosofias subjetivistas-idealistas e – no estado puro – no solipsismo (SCAFF, 1983, p. 74) [...] no domínio do terceiro modelo que, ao princípio da preponderância de um dos elementos da relação cognitiva – do objeto – (primeiro modelo) ou do sujeito (segundo modelo) – opõe-se o princípio da sua interação. [...]. Propõe em troca do enquadramento de uma teoria do reflexo modificada, uma relação cognitiva na qual tanto o sujeito como o objeto mantêm a sua existência objetiva e real, ao mesmo tempo que atuam um sobre o outro. Esta interação produz-se no enquadramento da prática social do sujeito que aprende o objeto na – e pela – sua atividade. [...] (Schaff, 1083, p. 75)

[...] no domínio do terceiro modelo que, ao princípio da preponderância de um dos elementos da relação cognitiva – do objeto – (primeiro modelo) ou do sujeito (segundo modelo) – opõe-se o princípio da sua interação. [...]. Propõe em troca do enquadramento de uma teoria do reflexo modificada, uma relação cognitiva na qual tanto o sujeito como o objeto mantêm a sua existência objetiva e real, ao mesmo tempo que atuam um sobre o outro. Esta interação produz-se no enquadramento da prática social do sujeito que aprende o objeto na – e pela – sua atividade. [...] (Schaff, 1083, p. 75)

Do interesse em escolher se fundamentar em uma desses três modelos de relação entre sujeito e objeto do conhecimento, decorrem “[...] consequências importantes [...]” (Schaff, 1983, p. 76) e determinantes de toda a atitude de construção do conhecimento científico, “[...] em particular para a nossa concepção de verdade [...]” (Schaff, 1983, p. 76). Por isso, esta investigação atribui às expressões gnosiológicas grande peso para compreender a produção do conhecimento, completando a bidimensionalidade da fundamentação paradigmática das pesquisas.

O primeiro modelo subentende a construção mecanicista do reflexo. Seguindo esta concepção, o objeto do conhecimento atua sobre o aparelho perceptivo do sujeito que é agente passivo, contemplativo e receptivo; o produto desse processo - o conhecimento – é o reflexo, a cópia do objeto, cuja gênese está em relação com a ação mecânica do objeto sobre o sujeito. É por isso que se qualifica esse modelo de mecanicista (Schaff, 1983), que, todavia, não foi identificado na esfera maranhense.

O segundo modelo – “idealista e ativista” - ancora seus fundamentos nas filosofias idealistas, identificadas por Schaff (1983), e ratificadas suas presenças no Brasil por Severino (1999), como sendo as filosofias fenomenologia, culturalismo, existencialismo, antipositivismo e arqueogenealogia, formando na pesquisa filosófica brasileira a vertente paradigmática identificada pelo autor de hermenêutica. O caráter ativista desse modelo se traduz na capacidade abstrata de o sujeito preponderar sobre a concreticidade do objeto. No Maranhão, sobressai-se de forma dominante o culturalismo com traços pontuais da fenomenologia e do existencialismo.

O modelo “idealista e ativista” de produção do conhecimento identificado com o paradigma hermenêutico de produção do conhecimento histórico, discernido mediante a separação dos teóricos de referências, levantados a partir das indicações diretas dos autores, revelou um tipo de relação sujeito-objeto do conhecimento cuja preocupação se distingue tanto do primeiro modelo de fundamentação reflexa do objeto à consciência, assim como do terceiro, de caráter interacionista entre sujeito e objeto. Comparada ao primeiro modelo, tem-se que a matriz interpretativo-simbólica é apresentada “[...] como teoria do reflexo modificada” (Schaff, 1983).

O terceiro modelo fundamentado no princípio da interação sujeito e objeto do conhecimento, fez-se presente no campo local através do MHD. Das três tradições dialéticas, identificadas por Severino (1999) na pesquisa filosófica brasileira, manifestou-se no Maranhão por meio da “dialética marxista”. Essa manifestação se produziu na ausência das dialéticas hegeliana e negativa da Escola de Frankfurt (Severino, 1999).

No modelo de relação dialética marxista, sujeito e objeto preservam suas autonomias, um não é absorvido por outro, nem tampouco qualquer desses polos impõem-se preponderante na produção do conhecimento. Ademais, comprehende sujeito e objeto através dos determinantes históricos, estabelecidos pelas condições materiais de produção da sociedade, portanto, como modelo gnosiológico, considera que existe uma realidade pertencente ao objeto, independentemente, do sujeito que o conhece, contudo, passível de assimilação como conhecimento inteligível. Neste entendimento, recorre-se a Buffa (1990), que relembra o ensinamento de que a melhor forma de compreender o objeto é visualizar seus determinantes.

Para o MHD, a relação de conhecer se efetiva pela interação do sujeito com o objeto na forma ativa para ambos, via presença de uma mediação teórico-metodológica que se apresenta como aproximação sucessiva ao discernimento do objeto pelo pensamento. Dessa forma, tanto objeto como sujeito do conhecimento constituem-se ativos na relação, não havendo possibilidade de um subjugar o outro, só sendo possível essa relação, se preservadas suas autonomias, diferentemente do hermenêutico, no qual o objeto passivo é absorvido pelo sujeito ativo, que lhe nega qualquer objetividade (Autonomia).

Quando falamos da relação cognitiva enquanto relação interveniente entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento, é evidente que as nossas

palavras dependem em grande medida, senão na totalidade, do sentido que atribuímos à expressão “sujeito que conhece”. As concepções aqui presentes são a concepção individualista e subjetivista, de um lado, a concepção social e objetiva, do outro (Schaff, 1983, p. 77).

No segundo e terceiro modelos gnosiológicos, o sujeito da relação é “ativo” no processo de produção do conhecimento, entretanto, no modelo “Idealista e Ativista”, o sujeito é ativo em relação a um objeto completamente passivo. No modelo materialista histórico-dialético (social e objetivo), baseado no princípio da interação sujeito-objeto do conhecimento, o sujeito é ativo em face de um objeto também ativo, situando com clareza a dimensão filosófica que envolve a relação *subjetividade versus objetividade* na pesquisa, de tal maneira que sujeito e objeto ativos submetem-se a seus determinantes emergindo da totalidade.

[...]. Propõe em troca do enquadramento de uma teoria do reflexo modificada, uma relação cognitiva na qual tanto o sujeito como o objeto mantêm a sua existência objetiva e real, ao mesmo tempo que atuam um sobre o outro. Essa interação produz-se no enquadramento da prática social do sujeito que apreende o objeto na - e pela - sua atividade. Este modelo do processo cognitivo, a favor do qual me pronuncio, está concretizado na teoria do reflexo corretamente interpretada que é desenvolvida pela filosofia marxista (Schaff, 1983, p. 75)

O hermenêutico apoia-se em uma gnosiologia pautada na autoridade da consciência do sujeito, na passividade do objeto e apresenta o conhecimento como um produto de um recorte isolado da realidade. Em contrapartida, o materialismo histórico-dialético, manifesta uma gnosiologia referenciada numa compreensão dialética da realidade, na qual sujeito e objeto se relacionam a partir das condições materiais que emergem na relação, modificam-se pela interação, ainda que mantendo as autonomias, ao mesmo tempo em que se reconstroem historicamente no devir.

Se na produção tutelada o quase domínio absoluto, com exceção de duas investigações, conforma-se à perspectiva gnosiológica “idealista e ativista”, em se tratando da produção não-tutelada, manifestaram-se duas gnosiologias declaradamente avessas, tanto a “idealista e ativista”, como a que se assenta no “princípio da interação sujeito-objeto”. Impõe-se, quantitativamente, a “idealista e ativista”, contudo, a presença do “princípio da interação sujeito-objeto” abaliza um debate que se conduz ao enfrentamento qualitativo da produção hegemônica, aspecto amplamente relevante para a abertura e autonomia filosófica-científica do campo e, consequentemente, ontológico.

## B) VÍNCULOS ONTOLOGICOS DA PRODUÇÃO

Desde o início desta investigação, defendeu-se uma conexão necessária entre as epistemologias e gnosiologias e as vinculações ontológicas, por inexistência de uma autonomia da teoria do conhecimento em relação à realidade social. Inquirir as abordagens,

relacionando estas dimensionalidades da teoria do conhecimento aos vínculos ontológicos, permite examinar os fundamentos sociais das abordagens do fazer científico da HEM, favorecendo a autonomia e a consolidação da prática historiográfica, sistematização que ancorou suas análises concretas na materialidade da produção..

Concebendo a ontologia como uma teoria da realidade do ser social que alcança todos os seres particulares em suas constituições, admite-se, ao mesmo tempo, que, ao abranger o ser social em si, também fornece o domínio particular da realidade. Dito isso, inferiu-se que os métodos de pesquisa se vinculam a uma concepção ontológica, permitindo pensar os pressupostos e implicações sociais neles contidos, já que nenhuma teoria pode se constituir autônoma e independente do ser social. Enquanto ser da realidade, o debate ontológico se dá no âmbito do tudo ou nada, e não admite, como forma explicativa, a formação de um ecletismo que comporte pinceladas oriundas de pressupostos antagônicos.

[...]; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades, condições estas que Hegel, a exemplo dos ingleses e dos franceses do século 18, compreendia sob o nome de “sociedade civil”. Cheguei também à conclusão de que a anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na Economia Política. [...] O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de guia para meus estudos, pode ser formulado, resumidamente, assim: na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. [...] (Marx, 2008, p. 47).

A ontologia como uma concepção do que é a realidade (Tonet, 2013), ou ainda como um substrato filosófico que sustenta os enunciados gnosiológicos e epistemológicos, revelados nos teóricos de referências, germina consigo de forma indissociável na produção do conhecimento uma visão de sociedade que, incorporada ao conhecimento produzido, reverbera na própria sociedade, contribuindo para a manutenção ou a transformação do seu *status*, restando sempre, uma relação desse conhecimento com a realidade social.

[...]. A questão da teoria, ou mais exatamente, da reprodução ideal do movimento real, remete diretamente à questão do método. Eu creio que isso nos interessa particularmente, aceitemos ou não os supostos com os quais Marx trabalha. [...] Isso se explica pelo fato de que nele o interesse epistemológico está subordinado à direção ontológica da sua reflexão. Quando ele discute método ele o faz sempre conectando a discussão do método a um objeto preciso” (Paulo Netto, 1998, p. 56).

Destacados os *teóricos de referências* por pertencimento a diversificadas matrizes teóricas (epistemologias históricas e gnosiologias) em alusão ao modo de elaboração do conhecimento, subsiste verificar as doutrinas do ser social que moldaram suas fundamentações completando o corte analítico operado no campo, apresentando as bases sociais sob as quais repousam as análises históricas da educação que configuraram a contextura contemporânea do conhecimento. Volta-se, portanto, para a explicitação da realidade à qual as pesquisas se associam, enquanto fundamentação teórico-metodológica na operacionalização do conhecimento.

A ontologia – enquanto domínio delimitado de matérias a converter em objecto de indagação – define-se originariamente pelo questionário que a comanda: o seu conteúdo teórico preciso ganha, por sua vez, estação e contornos, como é óbvio e se torna desnecessário repisar, pelas respostas determinadas que para ele vão sendo encontradas (Barata-Moura, 2011, p. 24).

Ao operar uma visão de totalidade da realidade, a ontologia consente pensar o ser do mundo e das diversas particularidades nele presentes, possibilitando ponderar sobre as perspectivas da HEM que se desdobraram como explicações fundadas em visões de mundo mais abrangentes. A questão sobre os fundamentos do ser social da HEM apresenta duas formas básicas de responder à realidade, utilizando-se da metafísica ou do substrato histórico-social (Tonet, 2013, p.12).

O campo manifestou duas formas predominantes e distintas entre si de fundamentar as perspectivas de realidades, abalizadas por concepções teóricas com pressupostos filosóficos-científicos que polarizam posições colidentes entre os *teóricos de referências* na construção do conhecimento: **1) Metafísica (Idealista-subjetivista)** – sustentou uma concepção filosófica da realidade como determinação da consciência e fruto das representações do sujeito pesquisador, resultando no paradigma hermenêutico; **2) Histórico-social (Materialista-objetivista)** - amparou uma concepção filosófica da realidade determinada pelas condições concretas, engendradas pelas relações sociais, resultando no paradigma MHD.

As abalizadas percepções de ser social subsidiam desdobramentos antagônicos da realidade que impossibilitam um trânsito livre entre as concepções de produção de conhecimento, efetivando-se como uma evidente interdição ontológica.

[...]. Só podem negar a tese ontológica sobre o modo de existência do objeto do conhecimento os que se perderam no beco da especulação filosófica, contradizendo, necessariamente, de resto, os seus pontos de vista teóricos pela prática cotidiana. [...] (Schaff, 1983, p. 76)"

O que se constatou desse debate ontológico no âmbito da produção hegemônica do conhecimento histórico educacional maranhense, protagonizado pelo paradigma hermenêutico, é que ele não se manifestou como relevante porque a produção sustentou-se unicamente pela apresentação epistêmica como teoria autônoma. A rejeição do debate

ontológico indica o desvio das questões filosóficas de constituição das pesquisas científicas, o que as tem conduzido a uma série de equívocos, inconsistências e graves distorções por não considerar as relações necessárias entre filosofia e as ciências humanas e sociais<sup>6</sup>. “Em outras palavras, habitamos o mundo, portanto, sempre nos movemos em um campo de compreensão prévia. As ciências humanas constituem uma elaboração especial do que constitui a própria estrutura da experiência humana no mundo” (Alves; Rabelo; Souza, 2014, p. 192).

Assim, a vinculação dos fundamentos da pesquisa à realidade facilita a expressão das vias teóricos de enunciação da HE como expressão da realidade. O processo analítico no campo ao despontar duas maneiras distintas de ser social, facultou a adoção de planos distintos de reflexões enquanto produção do conhecimento histórico educacional.

À procura de exprimir a HE, os modelos de investigações se vincularam a concepções ontológicas antagônicas e situaram interesses dessemelhantes em relação ao modo de produzir o conhecimento ao operarem a concepção de sociedade, haja vista nenhuma pesquisa se constituir desinteressada. A acolhida dos pressupostos constitutivos da realidade se coloca como ponto de partida para a produção do conhecimento.

Como totalidade mais abrangente, a sociedade comporta as totalidades particulares que nela despontam, dentre essas a HE, portanto, cada forma de realidade particular comporta manifestações da natureza geral dessa sociedade. Para a hermenêutica, a dimensão acentuada é a metafísica, que se revela na busca de uma HE de natureza cultural-interpretativo-simbólica, de base filosófica apriorística e essencialista, enquanto para o MHD, são as condições materiais impostas pelos determinantes histórico-sociais, e cada uma dessas perspectivas de fundamentação Histórica colocou-se como a mais relevante para explicar a realidade educacional.

O antagonismo entre os modelos ontológicos interpretativos da realidade educacional apresentou-se bastante incisivo quanto ao corte identificador e separador das perspectivas históricas da educação. Uma das formas de manifestação dessa dessemelhança paradigmática diz respeito ao uso da *teoria* como instrumento de análise do processo educacional.

De acordo com Aróstegui (2006), a teoria em relação ao objeto pode ser utilizada tanto como uma forma de aproximação investigativa, sem jamais limitar sua expressão, como pode ser utilizada como contorno apriorístico de aprisionamento, neste último caso, limitando a expressão, de tal forma que já estariam contidas na teoria as possibilidades de apreciação da realidade investigada. Ainda seguindo o entendimento do mesmo autor, sobre o uso da teoria como instrumento analítico, a elaboração proeminente posicionou-se de acordo com o entendimento de que a *teoria* contém as possibilidades de expressão do objeto, estando este limitado às manifestações teóricas que o abordam.

---

6 Consultar: GOLDMANN, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia:** o que é sociologia? São Paulo: Bertrand Brasil. 1993. p. 15-17

Em posição absolutamente contrária quanto ao uso desse entendimento, a teoria apresenta-se no MHD como forma sucessiva de aproximação pelo pensamento à realidade investigada, jamais como aprisionamento de suas manifestações. Nessa perspectiva, a teoria só pode ser empregada dialeticamente, posição assumida pelo próprio autor supracitado.

Em uma sociedade com as características de divisão de classes sociais como as que estruturam a brasileira e, consequentemente, a maranhense, é relevante colocar no centro do debate a seguinte questão: **qual ontologia – metafísica ou histórico-social – se coloca como a mais adequada para a tomada de consciência dos problemas educacionais e encaminhamento das soluções sob o ângulo da HC?** Trata-se de definir o que é realmente significativo para figurar como fundamento da investigação em HE, se a predominância de uma filosofia idealista subjetivista, pautada na ascendência do sujeito sobre o objeto do conhecimento, ou materialista objetivista de caráter histórico-social com base no princípio da interação sujeito-objeto do conhecimento.

A ontologia metafísica apresenta-se centrada na dimensão cultural-interpretativo-simbólica da escola/ensino e fundada na consciência do sujeito do conhecimento, que faz uso de um modelo hermenêutico de construção científica, e do padrão gnosiológico “idealista e ativista” (Schaff, 1983, p. 74). A ontologia histórico-social é estabelecida a partir das condições materiais histórico-sociais, situadas anteriores à escola/ensino e utilizase do modelo epistemológico dialético, enquanto, gnosiologicamente, usa o princípio da interação sujeito-objeto (Schaff, 1983).

Essa concepção da história consiste, portanto, em desenvolver o processo real de produção a partir da produção material da vida imediata e em conceber a forma de intercâmbio conectada a esse modo de produção e por ele engendrada, quer dizer, a sociedade civil em seus diferentes estágios, como o fundamento de toda a história, tanto a apresentando em sua ação como Estado como explicando a partir dela o conjunto das diferentes criações teóricas e formas da consciência – religião, filosofia, moral etc. etc. – e em seguir o seu processo de nascimento a partir dessas criações, o que então torna possível, naturalmente, que a coisa seja apresentada em sua totalidade (assim como a ação recíproca entre esses diferentes aspectos) (Marx; Engels, 2007, p. 42).

A produção hegemônica de matriz metafísica assentou seus fundamentos na lógica da subjetividade, na especulação via a consciência, na contemplação e na particularização da realidade, aportando, ontologicamente, em concepções de sociedades privilegiando a descentralização das análises. Essa posição teórico-metodológica sugere a presença de muitas histórias, contudo, organicamente desvinculadas, ou seja, para este entendimento não existe mais um centro convergente de interesses comuns a todas elas, vigorando no domínio das investigações a imposição das perspectivas de pequenos grupos sociais, das agências de financiamento das pesquisas e de sujeitos individuais em detrimento dos sujeitos coletivos.

De qualquer dessas orientações ontológicas, decorrem pressupostos e implicações sociais que não podem ser minimizadas no processo de construção do conhecimento histórico educacional. Uma ou outra forma de compreensão do mundo, enquanto ser geral da realidade, vai incidir nos seres particulares dela decorrentes, dado nenhuma destas advir de uma forma aquém ou além do ser geral. A História da Educação emerge como forma de análise com essas características.

A dimensão ontológica contra-hegemônica de base MHD é abalizada pelo reconhecimento de uma realidade independente do objeto em relação ao sujeito do conhecimento, ancorada na prática social concreta e na totalidade do real. A expressão histórica da educação resulta das relações materiais de produção da existência social, referenciada nos interesses de classes como possibilidade de revelar o concreto educacional em suas contradições.

Independentemente da consciência do historiador da educação, existe um movimento dialético que envolve a relação sociedade e produção do conhecimento, de tal maneira que toda concepção de ciência traz consigo uma concepção de sociedade demarcando uma visão de realidade. Assim, o embasamento teórico-metodológico encontra-se permeado, consciente ou inconscientemente, por parte do pesquisador, de uma concepção de sociedade que irá basilar suas incursões em torno do objeto investigado e se materializar no conhecimento produzido.

Após a demonstração de que os paradigmas historiográficos desencadearam dessemelhantes posições de fundamentação, e que estas se encontram intrinsecamente atreladas às dimensões ontológicas explicativas da realidade, pode-se afirmar que fomentaram perspectivas diversas de sociedade. Afinal, o desenvolvimento de uma determinada sociedade se encontra intimamente alinhado à sua produção de conhecimentos, enquanto manutenção ou alteração das estruturas postas. Assim, a HE deve proceder suas análises, considerando, também, as concepções de sociedade que operam as pesquisas.

### 3 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento na área nos 30 anos investigados no Maranhão, no pronunciamento predominante, processou-se assimilando o JCT na acolhida ao paradigma hermenêutico, o que se reflete em diversas epistemologias. Em contrapartida, a perspectiva contra-hegemônica vem se posicionando como possibilidade de um fazer historiográfico como crítica ao sistema capitalista de produção da vida material e da consciência, vinculando suas análises a outra base ontológica (concepção do ser social) de caráter socialista.

Os escritos histórico-educacionais maranhenses se efetivaram como delineamentos dos modos como o processo educacional foi interpretado através dos teóricos de referências, operados através de um corte distintivo de sentido filosófico-científico para

exprimir o fazer histórico, este relacionado com o que deve ser colocado como base teórica de sua sustentação.

No princípio desta investigação, apontou-se para a incompletude de compreender a produção do conhecimento exclusivamente pelo viés epistemológico, conforme se declarou o JCT pela improcedência dos paradigmas de pesquisa em voga na produção da historiografia da educação brasileira. Para sua completude, faz-se necessário observar as vinculações ontológicas (concepções de realidade social/verdade), às quais as elaborações reposam suas fundamentações filosóficas-científicas.

O detalhamento quantitativo desse constructo foi, indubitavelmente, importante, porque possibilitou inferir a natureza do fazer e especificidade concreta da HEM e dividiu o campo em quatro paradigmas Históricos de pesquisas: social, das ideias, MHD e hermenêutico, demonstrando, progressivamente, a autoridade da análise hermenêutica no predomínio da produção. Apesar de essa ascendência manifestar-se nas três formas de observação da amostra, os representantes do MHD apareceram com maior expressividade na produção não-tutelada, justamente o bloco que se efetivou tangenciando o *lócus* de excelência de construção do conhecimento histórico educacional: os programas de pós-graduação.

Acerca dos paradigmas social e das ideias, apesar de serem apontados como de interesses da fundamentação, na prática das pesquisas, os teóricos selecionados são os mesmos recorridos pelas epistemologias Nova História/História Cultural/ Nova História Cultural. Neste mesmo sentido, é observada uma incoerência quanto à presença do teórico Dermeval Saviani, haja vista, muitas das pesquisas que lhe atribuem o *status* de referência assumirem tratarem-se de abordagens com base na Nova História/História Cultural/ Nova História Cultural. Assim, a escolha de D. Saviani como teórico de referência, em grande medida, não se revela consciente, haja vista, por toda a trajetória intelectual, tratar-se de um intelectual assumidamente embasado no MHD, método de interpretação da realidade que confronta com a perspectiva defendida pelo hermenêutico, no qual Nova História/ História Cultural/ Nova História Cultural se abrigam.

Os fundamentos rivais em disputa, identificados no conjunto analítico, separados pelos teóricos de referências em suas epistemologias, assumiram posições qualificadoras da história da educação absolutamente conflitantes e contraditórias para a construção do conhecimento. Exatamente por compreenderem a realidade educacional a partir de perspectivas sociais opostas, qualificaram de formas distintas o domínio histórico da educação, assinalando com suas participações teórico-metodológicas diferentes respostas para as formulações dos problemas histórico-educacionais.

Conclui-se que as observações quantitativas das expressões numéricas da produção, a partir de um inventário dos teóricos de referências, permitiram examinar os alicerces filosófico-científicos e ontológicos de construção do campo de conhecimento da HEM, explicitando seu funcionamento e as bases sociais de sustentação dos enunciados,

bem como traduziram o que ora se impõe teórico-metodologicamente delineando o debate no campo local.

## REFERÊNCIAS

ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica:** teoria e método. Bauru: EDUSC, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. 5. ed. Campinas: Papirus, 1996

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004

BUFFA, Ester. Contribuição da história para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. **Revista em Aberto**, Brasília, v. 9. n. 47, p. 13-19, jul./set., 1990.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista.** [S. l.]: Zahar. 2010. Ebook

CERVI, Emerson. **Manual de métodos quantitativos para iniciantes em ciência política.** v.1. Santa Catarina: CPOP-UFPR, 2017.

LENIN, Vladímir Ilitch. **Cadernos sobre a dialética de Hegel.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. A História (oral) da Educação: algumas reflexões. **Em Aberto**, Brasília. n. 47, 1990. p. 21-28

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Ed. Boitempo, 2007

MARX, Karl. Marx sobre Feuerbach (Apêndice) In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Ed. Boitempo, 2007. p. 533 - 535

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista.** São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2008

MOTTA, Diomar das Graças. A inserção de um contexto situado no legado da produção historiográfica da educação. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais** [...], Associação Nacional de História, Fortaleza, 2009.

NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista da história. In: Lombardi; Saviani; Sanfelice (orgs.). **História e história da educação.** Campinas: Autores Associados. 1998.

SCHAFF, Adam. **História e verdade.** São Paulo: Martins Fontes, 1983

SEVERINO, Joaquim. **A filosofia contemporânea no Brasil:** conhecimento, política e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, J. R. Lima. A atualidade do materialismo histórico-dialético como método para pesquisa em História da educação. In.: LINCOLN, Anderson Vital da Silva (org.). **Ciências humanas e sociais:** perspectivas interdisciplinares. v. 4. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2024.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

WARDE, M.J. Anotações para uma historiografia da educação brasileira. **Em Aberto**, Brasília, Inep, v. III, n.23, set./out.1984.